

A CIDADE, A DESIGUALDADE E A PANDEMIA¹

Alvaro Ferreiraⁱ

Doutor em Geografia Humana (USP)

Pesquisador 1D do CNPq

Professor do Departamento de Geografia e Meio Ambiente da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEUF-UERJ)

ⁱ *Endereço institucional:*

Rua Marquês de São Vicente, n. 225. Edifício da Amizade, ala Frings, sl. F411. Gávea. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 22451-900.

Endereço eletrônico:

alvaro.ferreira@puc-rio.br e alvaro.ferreira.geo@gmail.com

Resumo

Apresentamos aqui uma associação entre a produção desigual da cidade, a própria desigualdade social e a pandemia do novo Coronavírus (Covid-19). A produção desigual do espaço não é nova, mas em momentos de grandes crises a população mais pobre é ainda mais prejudicada. Nesse sentido, a desigualdade é a verdadeira pandemia do mundo capitalista.

Palavras-chave: Produção desigual da cidade, Pandemia, Covid-19, Desigualdade, Pobreza.

THE CITY, INEQUALITY AND THE PANDEMIC

Abstract

We present an association between the unequal production of the city, social inequality and the new Coronavirus (Covid-19) pandemic. The uneven production of space is not new, and the poorest population is most affected in times of great crisis. Thus, inequality is the real pandemic of the capitalist world.

Keywords: Unequal production of the city, Pandemic, Covid-19, Inequality, Poverty.

¹ Este artigo é, basicamente, a fala apresentada – por meio remoto – na IV Semana da Geografia da PUC-Rio, na Mesa Redonda intitulada *Geografia e a Pandemia do Coronavírus, no dia 27/05/2020*. Além disso, "o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001".

Introdução

A ideia da cidade ligada à indústria ou à aglomeração de pessoas já habitava a vida e o imaginário social há tempos. Assim, no cinema também é possível identificarmos filmes que apresentam certas agruras da sociedade. Fritz Lang, com o filme *Metropolis* (1927), nos apresentou uma metrópole “futurista” do ano de 2026, em que a população se dividia em duas classes: a elite dominante e a classe operária. Aqui, é possível percebermos que a desigualdade ganha contornos distópicos, em que a classe operária foi condenada desde seu nascimento a habitar os subsolos e eram escravos das máquinas que controlavam a *Metropolis*.

Outro filme que também aborda esse tema é *Blade Runner* (1982), filme dirigido por Ridley Scott, que se passaria no ano de 2019 em Los Angeles. Tratava-se de uma cidade marcada pela poluição, por problemas climáticos, pelo consumismo, pela superpopulação e por profunda desigualdade social.

São filmes de ficção, entretanto muitos dos elementos presentes neles se encontravam no imaginário social e, atualmente, têm profunda conexão com a realidade vivenciada nas cidades. A distopia que se apresentava no filme de Fritz Lang, hoje ganha contornos de realidade ao pensarmos que um número elevado de pessoas é obrigado a viver em favelas sem condições mínimas de higiene, sem infraestrutura básica e muitas vezes em áreas de risco.

A desigualdade é a maior pandemia do mundo capitalista

Em geral, ao falarmos em área de risco remetemo-nos à ocupação de encostas ou às áreas sujeitas a alagamento, mas, além disso, a grande maioria das favelas brasileiras se encontra dominada e controlada por traficantes de drogas ou milicianos. Aliás, diferente de antes, agora há locais em que observamos uma associação entre traficantes e milicianos (no Brasil, infelizmente, as experiências ruins ganham sempre maior complexidade, dificultando ainda mais as soluções). Tendo tal realidade em mente, uma questão nos salta aos olhos: viver em um ambiente desses não é arriscado?! O que estamos querendo dizer é que essa realidade a que se encontra sujeita

uma parcela significativa da população também deveria ser considerada risco! Não é algo menor ter seu acesso à moradia controlado por traficantes e milicianos; ou ter que pagar mais caro pelos botijões de gás ou pelo transporte dentro das favelas, porque uma parte do dinheiro tem que ser destinada a esses grupos que controlam e exploram esses moradores.

Poderíamos acrescentar, ainda, a falta de liberdade de ir e vir, já que locais controlados por determinada facção proíbem a entrada de pessoas que habitem localidades controladas por facções rivais, mas não vou desenvolver essa discussão sobre o tráfico de drogas e as milícias neste breve artigo².

Outro exemplo de distopia poderia ser o crescente problema do déficit habitacional para a população de baixa remuneração. E se lembrarmos dos projetos de reformas urbanas promovidas pelos governantes e almejados pelos empresários ligados aos setores da construção civil e dos mercados imobiliário e financeiro, cada vez mais os inquilinos vivenciam maiores dificuldades para arcar com os aumentos dos aluguéis. Não é à toa que a palavra “gentrificação” passou a aparecer não só na produção acadêmica, mas também nos jornais e nos debates cotidianos travados pelos movimentos sociais. Mas também não terei tempo de me aprofundar nesse debate, para tanto é possível buscar outras publicações em que me debrucei sobre essa temática (FERREIRA, 2019a, 2019b, 2018, 2017, 2013; FERREIRA, PIZZOLANTE, VIRIATO, 2020). Além dessas referências, o novo livro a ser editado, intitulado “A cidade que queremos: produção do espaço e democracia”, terá um capítulo inteiro dedicado ao

² A quem desejar aprofundar o estudo nessa temática sugerimos, por exemplo: PONTES, Beatriz Maria Soares. Os territórios do narcotráfico: os morros do Rio de Janeiro. *Revista de Geografia*. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 26, no 2, mai/ago. 2009; CIPRIANI, Marcelli. Segregação sócio-espaçial e territorialidades do tráfico de drogas: as “facções criminais” diante do espaço urbano. *Revista Conversas e Controvérsias*, Porto Alegre, vol.3, n.2, 2017, p. 05-28; SOUZA, Marcelo Lopes de. Tráfico de drogas e fragmentação do tecido sociopolítico-espaçial no Rio de Janeiro. In <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt21-14/5207-msouza-trafico/file>; SOUZA, Marcelo Lopes de. (1996) As drogas e a 'questão urbana' no Brasil. A dinâmica sócio-espaçial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. In: Castro, Iná de & Gomes, Paulo & Corrêa, Roberto (orgs.). *Brasil: questões atuais da reorganização do território*. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, p. 419- 468; MACHADO, Lia Osorio. *Tráfico de drogas ilícitas e território: o caso do Brasil*. In https://www.novo.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/analise-e-pesquisa/download/estudos/sjcvolume8/trafico_drogas_ilicitas_territorio_caso_brasil.pdf; ZALUAR, Alba, BARCELLOS, Christovam. Mortes prematuras e conflito armado pelo domínio das favelas no Rio de Janeiro. *Rev. bras. Ci. Soc.* vol.28 no.81 São Paulo Feb. 2013.

processo de gentrificação e como sua conceituação ganhou maior complexidade através do tempo. Ao mencionar aqui a gentrificação, queria é reforçar a ideia de que a cidade foi transformada em mercadoria.

Não resta dúvida de que o espaço é produzido a partir de determinadas intencionalidades. Assim, há um conjunto de forças em disputa, já que o espaço não é neutro, ele está permeado por ideologias e relações de poder. Foi tendo isso em conta, que o filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre (2013, 2008, 1991) desenvolveu a noção de espaço como produto-produtor das práticas sociais. Ou seja, o espaço não é apenas o resultado das práticas humanas interagindo com a natureza, mas se faz determinante desde o princípio desta relação, interferindo de forma direta nos mais variados níveis da vida social, seja na disposição material das trocas da sociedade ou na elaboração de suas mentalidades, leis, normas e identidades.

O processo de produção do espaço se realiza incorporando elementos no âmbito da materialidade e da imaterialidade. Em outras palavras, referimo-nos às formas materialmente construídas, mas também à construção das subjetividades, do imaginário, das normas e dos comportamentos. Isso porque o espaço traz em si simbolismos e representações que influenciam fortemente as percepções de mundo e consequentemente as ações dos atores sociais.

O desenvolvimento da noção de produção do espaço trouxe à tona as contradições que estão em jogo no processo da produção social capitalista, que se expandiu para todas as dimensões da vida. Assim, o mundo da mercadoria incorporou a tudo e a todos; nós passamos a experimentar e vivenciar a mercadificação da vida. Esclarecendo melhor, a alienação segue se realizando a partir da construção de um mundo em que a imagem e as representações ganham uma dimensão cada vez maior, em que verdadeiramente não é o consumidor ou a mercadoria consumida o que importa, mas sim a representação do consumidor e do próprio ato de consumir. Tudo isso é amplificado se tivermos em conta que tanto as mercadorias quanto o ato de consumir ganham formas e sentidos espetaculares, de espetacularização. Por tudo isso é que, atualmente, prefiro falar em mercadificação em lugar de mercantilização, sendo que a primeira (a mercadificação) incorpora a segunda – mas vai além. Ao falar de mercadificação do espaço e mercadificação da cidade tenho em conta que agora, mais do

que em qualquer momento anterior, a relação entre determinado espaço e a sua imagem construída é modificada, pois é o espaço – transformado em produto – que passa a representar a imagem e não o contrário. Então, trata-se de entender que o espaço é consumido pelo que ele representa; ou seja, o que representa frequentar determinado lugar. Em outras palavras, mercadificação do espaço significa dizer que ele é mercantilizado, mas que essa mercadoria que estamos comprando é cada vez mais um estilo de vida, uma experiência cotidiana diferenciada, compramos antes o que representa ter aquilo, fazer parte daquilo (FERREIRA, 2019a, 2017).

Esse processo contribui para que cada vez se invista menos na produção de habitação popular digna e em uma localização com acesso fácil aos meios de transporte e aos serviços e comércio necessários. Apesar de ouvirmos falar desde a segunda metade do século XX em programas habitacionais e mais recentemente no Programa Minha Casa Minha Vida, o fato é que não se resolveu o problema habitacional no país, aliás estamos muito longe disso.

Esse longo encaminhamento do debate tem o objetivo, exatamente, de dar base à afirmação de que devido a essa produção desigual do espaço, é a população mais pobre que sofrerá mais as consequências da pandemia da Covid-19.

Agora estamos vivendo a celeuma da pandemia, mas se nos voltarmos para os números da tuberculose, os resultados são assustadores! A média de incidência de tuberculose no Brasil é de 33,8 casos por 100.000 e no município do Rio de Janeiro é de 89,7 por 100.000. A favela da Rocinha, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, tem mais de 100.000 moradores e é apontada como um dos principais focos de tuberculose do Brasil. A partir dos dados registrados pela Secretaria Municipal de Saúde, a Rocinha possui uma taxa de incidência de 372 casos por 100.000 habitantes; ou seja, 11 vezes mais alta do que a média nacional! Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Brasil está na lista dos 22 países que concentram 80% dos casos de tuberculose no mundo.

Referimo-nos a pessoas que vivem em condições sanitárias degradantes e que moram em locais, que são verdadeiros cubículos, em ruelas onde a luz solar nem consegue chegar. Os casebres que ficam no térreo, embaixo de outros casebres e espremidas em ruas estreitas, não recebem sequer luz solar. Os moradores convivem com

o cheiro de esgoto e do lixo (muitas vezes deixado nas vielas) associado ao cheiro de mofo de suas moradias. Essas casas, que não recebem luz solar, muitas vezes têm apenas uma pequena janela, o que contribui para a falta de circulação de ar. A tuberculose se dissemina mais facilmente nessas áreas de grande aglomeração de pessoas, alta concentração de pobreza, sem entrada de luz solar e baixa circulação de ar. Demos o exemplo da Rocinha, mas isso se repete em outras favelas.

E a pandemia de Covid-19 chegou ao Brasil

A Covid-19 chegou ao Brasil através de pessoas de estratos de renda alta e média-alta. No Rio de Janeiro através de moradores de bairros da zona sul e da zona oeste litorânea (a Barra da Tijuca). Essas pessoas, que estavam viajando e vieram contaminadas começaram a transmissão por aqui.

Ou seja, o contágio no Rio de Janeiro seguiu o mesmo perfil das tendências observadas nas grandes metrópoles do mundo. A dinâmica de contágio é essencialmente urbana e se dá a partir da intensa circulação e tráfego aéreo entre as grandes cidades do mundo.

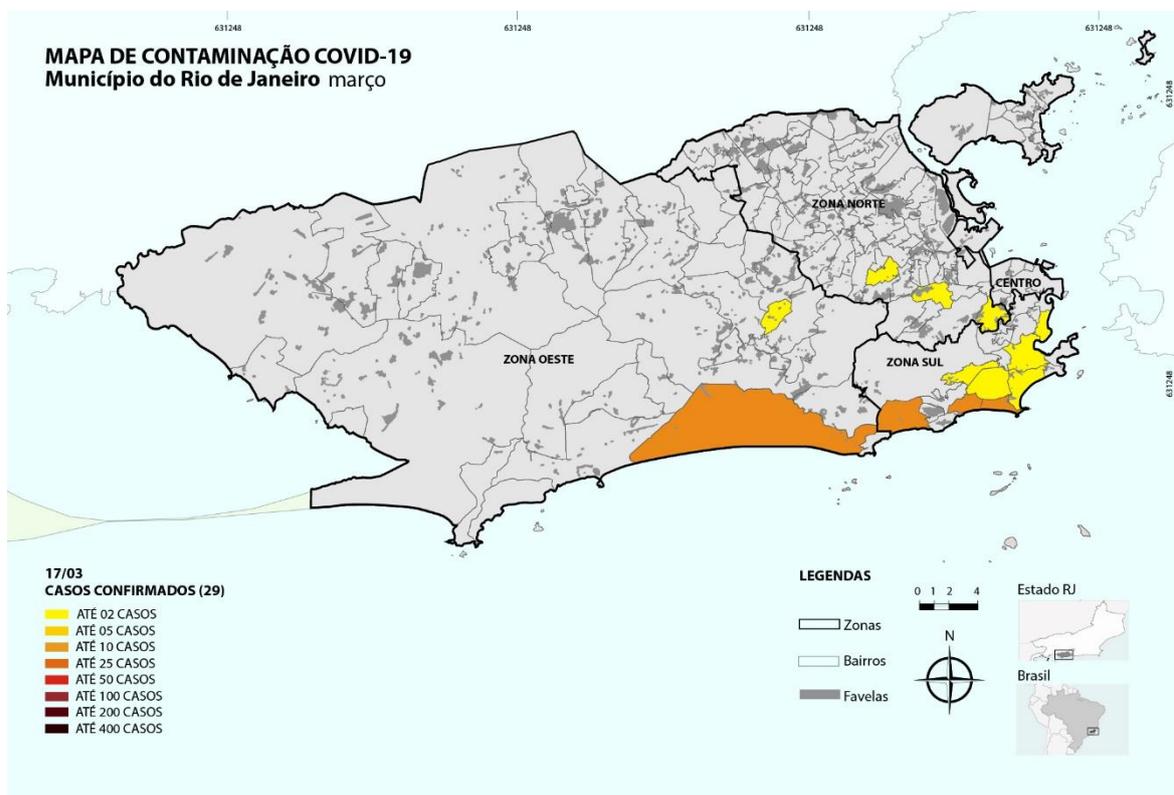
A partir daí passamos para a fase de “transmissão local” e em seguida de “transmissão comunitária”. Ou seja, quem trouxe o vírus de fora transmite para pessoas que não viajaram; e pessoas que não viajaram e foram contaminadas começam a transmitir para outras pessoas a sua volta. Foi assim que a Covid-19 chegou aos bairros populares e às favelas do Rio de Janeiro.

Uma interessante matéria no site do Observatório das Favelas traz um mapeamento muito representativo dessa desigualdade a que estamos nos referindo. Consultando o *site* podemos ver que

a taxa de letalidade de cada zona da cidade, que acompanham em maior ou menor grau as condições socioeconômicas médias, são reveladoras das desigualdades sociais no Rio de Janeiro. A Zona Sul e o Centro da Cidade apresentam uma taxa de letalidade com 8% e 7,5% dos casos confirmados (ou seja, dos casos com sintomas graves que receberam testes). Esses números apontam não só para a concentração de equipamentos de saúde nessas localidades, mas também para a concentração média de renda familiar. Se considerarmos o baixo número de testagem como um todo, é uma taxa de letalidade relativamente baixa. Por outro lado, a zona norte da cidade apresenta uma taxa de letalidade de 19%, mais que o dobro da zona sul. A zona

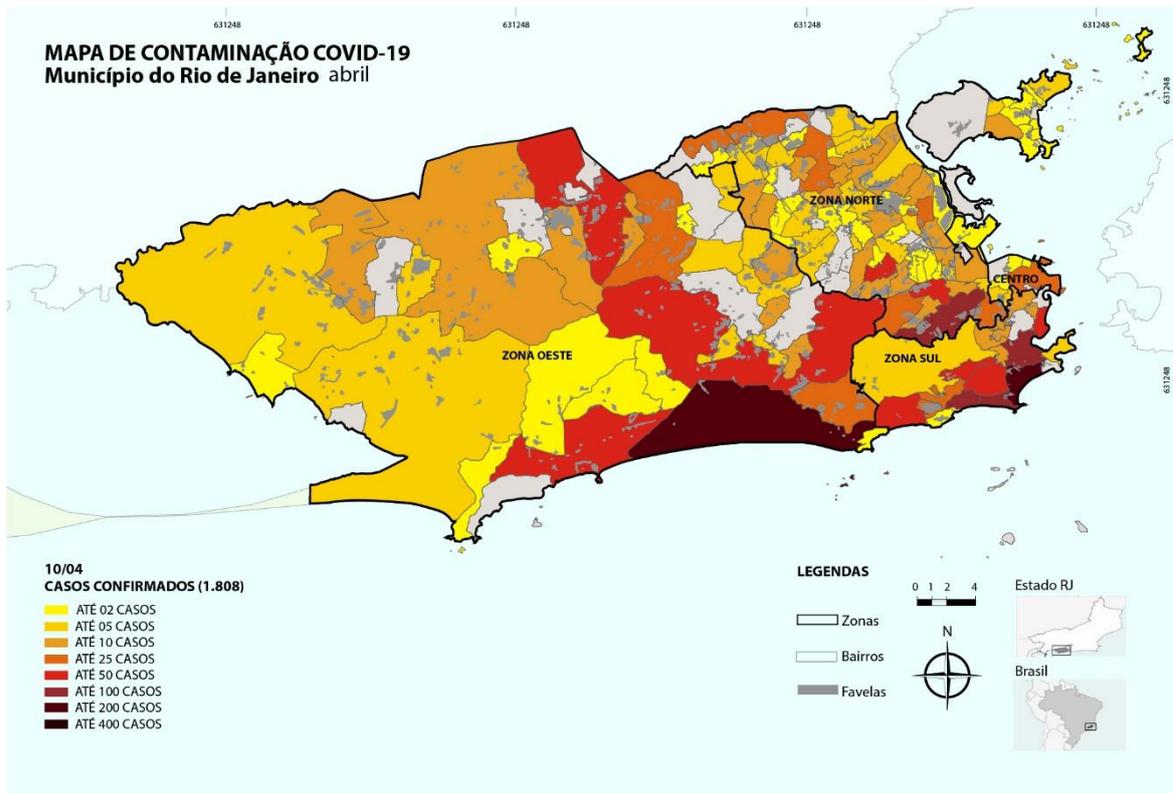
oeste chega a quase três vezes esses valores, atingindo a marca de 20,5% (BARBOSA, TEIXEIRA, BRAGA, 2020).

A distância expressiva entre as taxas de letalidade de cada zona são forte indicador de como a Covid-19 reflete as condições espaciais e sociais da cidade, e, segundo Barbosa, Teixeira, Braga, 2020), acabam revelando “o abismo no acesso a serviços de saúde e assistência como um todo”. Essas informações tornam-se ainda mais claras se observarmos o mapeamento realizado pelo Observatório das Favelas. Na sequência abaixo reproduzimos esses mapas; neles é possível observarmos o movimento de expansão da Covid-19, no município do Rio de Janeiro, em relação ao contágio e à letalidade de 17 de março a 3 de maio de 2020 (Mapas 1, 2, 3 e 4).



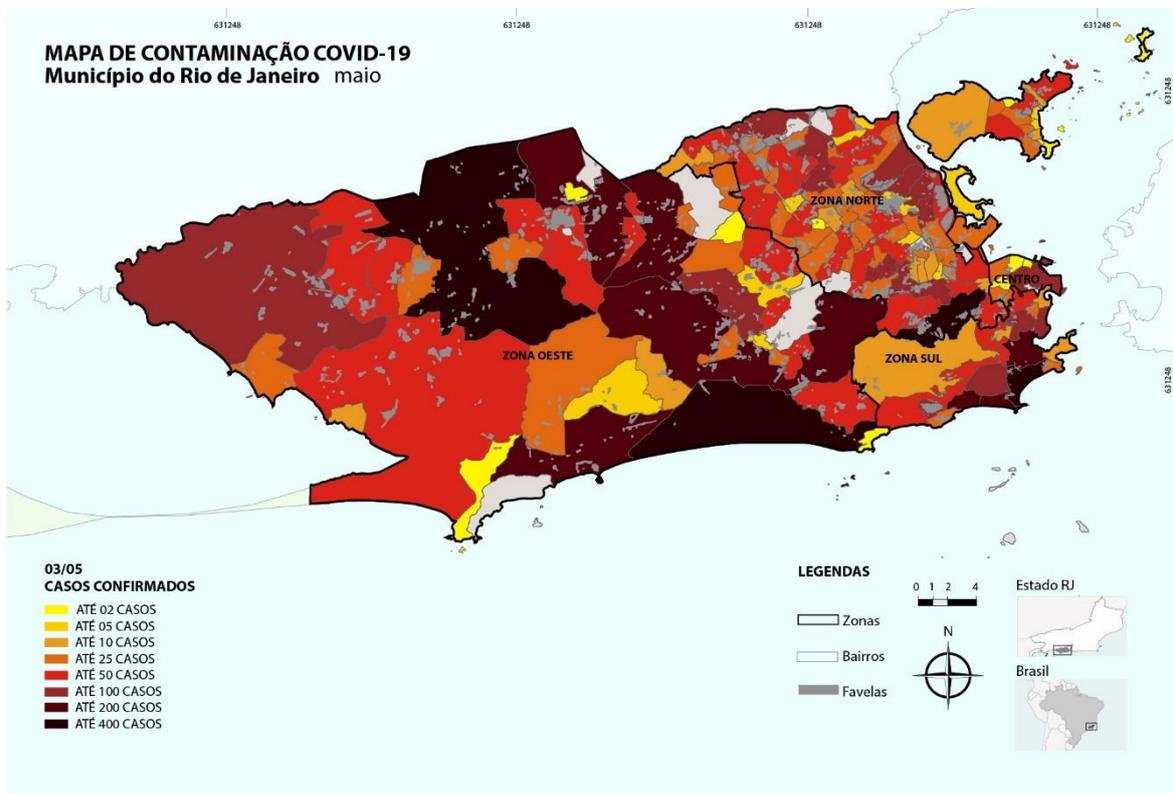
Mapa 1: Contaminação Covid-19 até 17/03/2020.

Fonte: <http://of.org.br/cartografia-social-da-covid-19-na-cidade-do-rio-de-janeiro/>



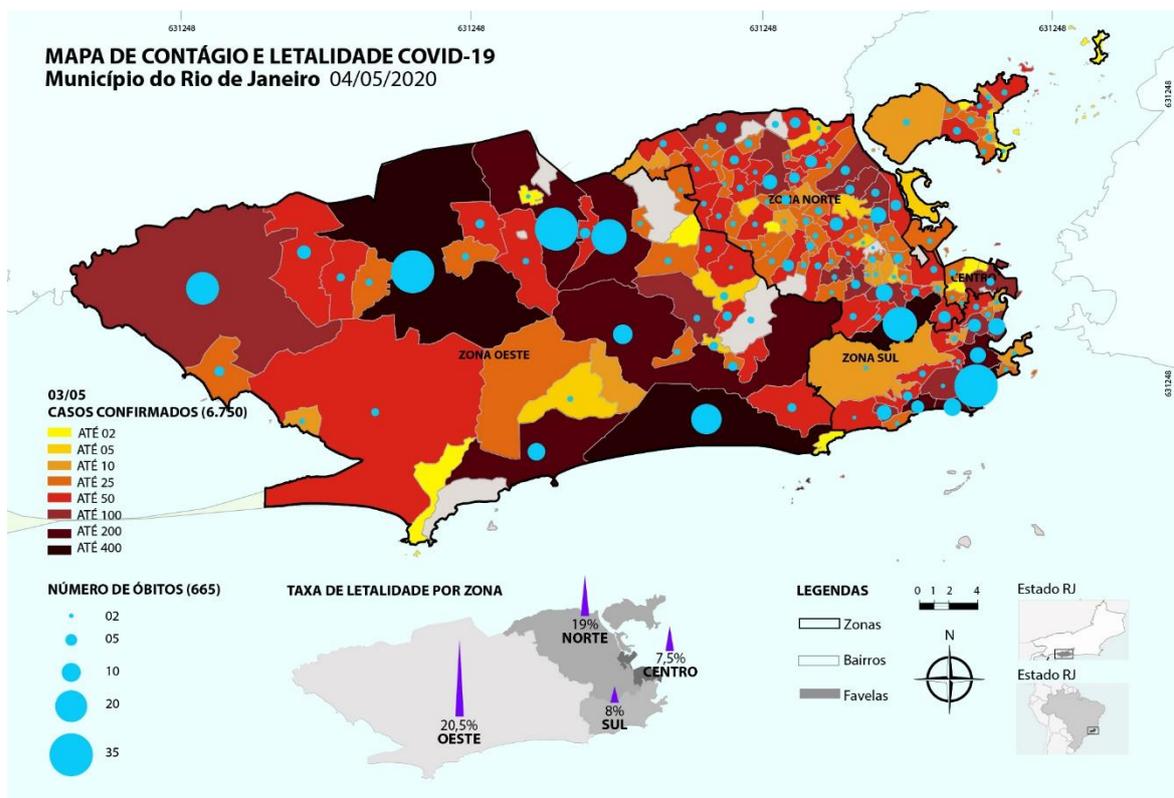
Mapa 2: Contaminação Covid-19 até 10/04/2020.

Fonte: <http://of.org.br/cartografia-social-da-covid-19-na-cidade-do-rio-de-janeiro/>



Mapa 3: Contaminação Covid-19 até 03/05/2020.

Fonte: <http://of.org.br/cartografia-social-da-covid-19-na-cidade-do-rio-de-janeiro/>



Mapa 4: Contágio e letalidade Covid-19 até 03/05/2020.

Fonte: <http://of.org.br/cartografia-social-da-covid-19-na-cidade-do-rio-de-janeiro/>

A partir de dados coletados pelo Projeto S.O.S. Favela, podemos perceber que a situação é gravíssima nas favelas do Rio de Janeiro, onde do total de vítimas fatais do novo coronavírus nessas áreas, 20% das pessoas morreu em suas próprias casas. E dentre os casos que não resultaram em morte, 75,5% dos contaminados não buscaram atendimento em unidades de saúde pública. Isso dá-nos uma ideia do tamanho das subnotificações nas favelas.

Ao falarmos em subnotificações, não estamos fazendo meras suposições infundadas. Baseamo-nos em fatos, por exemplo: o número total de mortes em São Paulo em março de 2020 ficou 168% acima do registro oficial; internações por síndromes respiratórias aumentaram quase 10 vezes em 2020 no Brasil em relação ao histórico dos números anteriores; cartórios registraram aumento de 1.035% nas mortes por síndrome respiratória no Brasil em março e abril de 2020; o número diário de enterros em cemitérios públicos de Manaus aumentou 161% entre 9 e 25 de abril; mortes de

brasileiros em casa crescem 11% nos meses de março e abril de 2020 em comparação com o mesmo período do ano passado; e na contagem da Fiocruz, até 4 de abril deste ano, o Brasil teve 33,5 mil internações por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG), muito acima da média desde 2010, de 3,9 mil casos e mesmo em 2016, em meio ao surto de H1N1, foram registrados 10,4 mil casos no mesmo período do ano. Ou seja, o que estamos observando no Brasil é algo muito mais grave do que estamos lendo nos dados oficiais e na própria mídia.

Para onde estamos indo... para onde poderíamos ir...

Temos ouvido várias pessoas dizendo que o vírus não faz escolhas em sua trilha de infecções; não tem preconceito de classe, gênero ou cor. Todos são vulneráveis diante de sua ameaça; “estariamos todos no mesmo barco”... Isso é mesmo muito relativo, pois como li outro dia em alguma mensagem que circulava nas redes sociais, “não estamos todos no mesmo barco; estamos todos no mesmo mar, mas uns em iates e outros agarrados a um tronco!”

Se é verdade que o vírus não escolhe a quem infectar, é verdade também que os infectados têm capacidade de lidar com ele de maneira bem diferente. E se pensarmos nessa população mais pobre, que vive em condições precaríssimas, em casebres sem saneamento básico e água limpa, como temos coragem de dizer a eles que têm que se manter em quarentena? Que têm que lavar as mãos com sabonete líquido? Que têm que usar álcool gel? Como dizer “fique em casa”? Em que condições? Dez pessoas morando em dois cômodos? Que isolamento? Como ficar em casa se o governo cria toda espécie de dificuldade para lhes dar os míseros R\$ 600?!

Essas pessoas não estão realizando suas atividades através do teletrabalho (ou do *home office*, como preferem alguns); nem sabem o que é isso... Teletrabalho é coisa de uma pequeníssima parcela da sociedade. A filósofa Judith Butler (2020) escreveu há pouco tempo que

a desigualdade social e econômica garantirá a discriminação do vírus. O vírus por si só não discrimina, mas nós humanos certamente o fazemos, moldados e movidos como somos pelos poderes casados do nacionalismo, do racismo, da xenofobia e do capitalismo. Parece provável que passaremos a

ver no próximo ano um cenário doloroso no qual algumas criaturas humanas afirmam seu direito de viver ao custo de outras, reinscrevendo a distinção espúria entre vidas passíveis e não passíveis de luto, isto é, entre aqueles que devem ser protegidos contra a morte a qualquer custo e aqueles cujas vidas são consideradas não valerem o bastante para serem salvaguardadas contra a doença e a morte.

Temos visto em propagandas e em programas jornalísticos que precisamos ter calma, pois em breve tudo voltará ao normal. Precisamos ter cuidado com essa afirmação, nos lembrou Eliane Brum (2020) em um artigo no El país, porque nos faz crer que o mundo antes da pandemia era bom. Não era bom! Era e continua sendo extremamente desigual e cruel!

Aliás, de fato, o mundo não será o mesmo depois da pandemia, ele pode se tornar pior. Até um tipo de atividade que está sendo altamente utilizada em tempos de pandemia está correndo riscos. Estou me referindo aos entregadores, que estão expostos ao risco de contágio para proteger aqueles que podem ficar em casa, comprar e encomendar suas entregas. Já há empresas que desenvolveram veículos autônomos (uma espécie de van-robô) para realizar entregas. Isso está acontecendo em cidades como Irvine na Califórnia, em Fairfax na Virgínia e a empresa Neolix, na China, começou a utilizar vans autônomas para realizar entregas.

Não devemos nos acomodar pensando que em breve tudo voltará ao normal, pois como afirmei anteriormente, aquele “normal” era extremamente desigual e cruel. Temos que lutar pela construção de um mundo verdadeiramente diferente, mais solidário, autogestionado e que valorize a verdadeira democracia; mas esse debate fica para um próximo artigo.

Referências

BARBOSA, Jorge, TEIXEIRA, Lino, BRAGA, Aruan. **Cartografia social da Covid-19 na cidade do Rio de Janeiro**. Observatório das Favelas. Disponível em <http://of.org.br/cartografia-social-da-covid-19-na-cidade-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 18 maio 2020.

BRUM, Eliane. *O vírus somos nós (ou uma parte de nós): o futuro está em disputa: pode ser Gênesis ou Apocalipse (ou apenas mais da mesma brutalidade)*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-03-25/o-virus-somos-nos-ou-uma-parte-de-nos.html>. Acesso em: 25 março 2020.

BUTLER, Judith. **O capitalismo tem seus limites**. Disponível em <https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2020/03/judith-butler-sobre-a-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/>. Acesso em: 26 março 2020.

CIPRIANI, Marcelli. Segregação sócio-espacial e territorialidades do tráfico de drogas: as “facções criminais” diante do espaço urbano. **Revista Conversas e Controvérsias**, Porto Alegre, vol.3, n.2, 2017, p. 05-28.

FERREIRA, Alvaro. **A cidade que queremos**: produção do espaço e democracia. Rio de Janeiro: Consequência (no prelo).

FERREIRA, Alvaro. Materialização, substrução e projeção: uma construção teórico-metodológica como contribuição para o desvelar da produção do espaço. **Ateliê geográfico** (UFG), v. 13, p. 35-43, 2019a.

FERREIRA, Alvaro. Produção do espaço, autogestão, comunidade e estado: provocações a partir de Karl Marx. **GEOgraphia**, v. 21, p. 48-57, 2019b.

FERREIRA, Alvaro. Pela construção da verdadeira democracia: entre conselhos populares e ciberdemocracia. In ZAAR, Miriam, CAPEL, Horacio (Coords. y Eds.) **Las ciencias sociales y la edificación de una sociedad post-capitalista**. Barcelona: Universidad de Barcelona/Geocrítica, 2018 (<http://www.ub.edu/geocrit/Sociedad-post-capitalista/Sociedad-postcapitalista.pdf>). ISBN: 978-84-09-06079-5.

FERREIRA, Alvaro. Produção alienadora das cidades e indícios de insurgência: materialização, substrução e projeção. In FERREIRA, Alvaro, RUA, João, MATTOS, Regina Célia de. **O espaço e a metropolização**: cotidiano e ação. Rio de Janeiro: Consequência, 2017, p. 91-120.

FERREIRA, Alvaro. Metropolização do espaço, tensões e resistências: entre espaços de controle e controle do espaço. **Scripta Nova**: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Vol. XVIII, núm. 493 (55), 1 de noviembre de 2014, Universidad de Barcelona.

FERREIRA, Alvaro. A imagem virtual transformada em paisagem e o desejo de esconder as tensões no espaço: por que falar em atores, agentes e mobilizações? In: FERREIRA, Alvaro; RUA, João; MARAFON, Glaucio; SILVA, Augusto César Pinheiro da (org.). **Metropolização do espaço**: gestão territorial e relações urbano-rurais. Rio de Janeiro: Consequência, 2013a. p. 53-74.

FERREIRA, Alvaro. **A cidade no século XXI**: segregação e banalização do espaço. 2 ed. ampliada. Rio de Janeiro: Consequência, 2013b. 323p.

FERREIRA, Alvaro, PIZZOLANTE, Horacio, VIRIATO, Mateus. *O projeto “Porto Maravilha” no Rio de Janeiro*: inspiração em Barcelona, representações e produção a serviço do capital. Rio de Janeiro, 2020 (no prelo).

LEFEBVRE, Henri. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

MACHADO, Lia Osorio. **Tráfico de drogas ilícitas e território**: o caso do Brasil. Disponível em: https://www.novo.justica.gov.br/sua-seguranca/seguranca-publica/analise-e-pesquisa/download/estudos/sjcvolume8/trafico_drogas_ilicitas_territorio_caso_brasil.pdf. Acesso em 18 maio 2020.

PONTES, Beatriz Maria Soares. Os territórios do narcotráfico: os morros do Rio de Janeiro. **Revista de Geografia**. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 26, no 2, mai/ago. 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Tráfico de drogas e fragmentação do tecido sociopolítico-espacial no Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt21-14/5207-msouza-trafico/file>. Acesso em 18 maio 2020.

SOUZA, Marcelo Lopes de. (1996) As drogas e a 'questão urbana' no Brasil. A dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo César da Costa, CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Brasil**: questões atuais da reorganização do território. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, p. 419- 468.

ZALUAR, Alba, BARCELLOS, Christovam. Mortes prematuras e conflito armado pelo domínio das favelas no Rio de Janeiro. **Rev. bras. Ci. Soc.** vol.28 no.81 São Paulo Feb. 2013.

Recebido em 01 jun. 2020;

Aceito em 30 jun. 2020.